



MARIA
ISAAC

QUANTOS
VENTOS
NA TERRA

SUMA
de letras

*Para o Xavier.
Uma história que nasceu contigo.*

*Às vezes oiço passar o vento,
e só de ouvir o vento passar,
vale a pena ter nascido.*

A espantosa realidade das coisas,
de ALBERTO CAEIRO (Fernando Pessoa)

PRÓLOGO

O tempo é bondoso. Tantos anos passados e ele ainda não desistiu de mim, dia vem, dia vai, e continua a tolerar-me por aqui. No pouco que me tirou, nada havia que fosse realmente importante.

Sou um velho, porque o tempo o quis. Passei os meus dias na vastidão destes canaviais, e, sem me aperceber, fui fazendo-me em escolhas, tornando-me invisível entre os meus vizinhos. No que diz respeito à vida, essa foi luta, conquista perdida que deixou mazelas, e estou tão cansado.

Tenho muitas histórias, como podem adivinhar — talvez até mais do que o Mané-Cego, o louco que só fala em contos desde o dia em que nasceu —, e entre tantas, esta é a minha favorita, que conto sempre sem pressa: a história da pequena vila que foi devastada pelos seus sonhos tornados realidade e salva pelos seus vilões. Esta vila, talvez já a conheçam, chamada de Mont-o-Ver, e quem sabe até ouviram falar de alguns dos seus vilões, dependendo do que vos foi contado, se acreditaram no que ouviram. Na minha história, eles são o Bando dos Canaviais, as crianças improváveis que não consigo esquecer, tão cheias de tantas coisas, e que caberá a cada um de vós julgá-las.

Estamos todos a ocupar esta terra que não pertence a ninguém, da qual cuidamos à vez, à força da vontade, porque em troca nos vai permitindo sobreviver. Por aqui, no bairro recolhido no meio da vastidão, mesmo ao longe e à distância de um bom quarto de hora de caminho, ouvimos as vozes dos outros, de uma vila inteira, daqueles que continuam a lembrar-nos de que nem ao pobre é permitido ser igual entre os pobres.

Nos Canaviais, temos muito de coisas que ninguém quer: ignorância, medos, superstições, violência, infelicidade, espíritos

partidos... e também um pouquinho daquilo que até poderia ser bom, se o conseguíssemos apreciar. As crianças por aqui nunca são desejadas, elas chegam à vontade da natureza, inevitáveis como o sol, vento e chuva, ou os caprichos do destino, a fazerem lembrar a fatalidade de uma doença com a qual tem de se viver, e da qual só os pais mais habilidosos conseguem tirar uma boa família.

Infelizmente, para a Vila de Mont-o-Ver, para muita gente aqui no bairro, estas crianças, o Bando dos Canaviais, permanecem como infortúnio que ninguém quer ver nem ao longe e enxota assim que estão por perto.

Mas não nos apressemos a apontar dedos a esta vila ou às gentes, afinal, é difícil para qualquer um gostar de estranhos, e este Bando raramente se deu a conhecer a adultos. Eu próprio, que os vejo todos os dias desde que abriram os olhos para o mundo, só comecei a conhecê-los melhor naquela noite.

E é assim que começo esta nossa história. Fiquem por aqui, um bocadinho de companhia sabe bem. Só a juventude aprecia a solidão. Nós, os velhos, somos mais parecidos às crianças, acreditamos que quando alguém está por perto nada de mal pode acontecer-nos.

CAPÍTULO 1

Como é tradição nas boas histórias de aventura, também esta começa numa noite de chuva, com uma caça ao tesouro. Para mim, era apenas um momento na continuidade sonolenta de uma existência só, a pairar para lá e para cá no espaço vazio do pequeno barracão que construí com mãos jovens, deixando-me embalar pela chuva delicada que sentia nas pontas dos dedos a terra de abril.

Uma presença do outro lado da porta despertou-me mesmo antes de a voz dela chegar.

— Tio Velho! — chamou um sussurro, pelo buraco da fechadura. O trinco moveu-se e mãos de criança, encardidas de terra e chuva, abriram-na, cuidadosas.

A cabeça branca espreitou pela frecha, os olhos metálicos procuraram-me e, na escuridão, a menina albina era um fantasma que iluminava a noite.

Antes que pudesse responder-lhe, Cuca foi abalroada para o interior.

— Estás à espera do quê? — resmungou o rapaz que a empurrava com o peito. Os braços cruzavam atrás das costas, carregando um corpo ainda mais pequeno e escanzelado do que o dele, quase inanimado. — Temos pena — rosnou quase sem fôlego. — Vai ter de ficar aqui mesmo!

Ao tentar baixar o corpo para a esteira, os rapazes acabaram por cair juntos.

— O que aconteceu? — perguntei, mais assustado do que qualquer um deles. O rapaz mais pequeno, apesar de ser mais velho do que Cuca, não teria mais de 10 anos, e parecia-me inanimado ou fraco de mais para sequer emitir gemido.

— Num vejo um caralho! — praguejou o rapaz adolescente de cabeça rapada, barafustando com a escuridão como mais um inimigo que conspirava contra eles.

— Há um candeeiro de petróleo — indiquei, e Cuca já o acendia, mãos molhadas, dedos trémulos.

Na luz da pequena língua de fogo, vi como os três estavam ensopados, enlameados, os rapazes com ferimentos no rosto, braços e mãos, em especial o mais pequeno, que fora carregado e agora se agarrava ao golpe na cabeça, de onde continuava a verter sangue.

— Ele precisa de ajuda, vocês não o podem deixar aqui.

— Está tudo bem — afirmou Cuca, para mim, para si própria.

— Não é hoje que ele morre.

O rapaz de cabeça rapada, de olhos predadores, ofegante, olhava em volta, para tudo, sem confiar em nada. Nervoso, limpou as mãos feridas na roupa, na bainha da camisola rota, na cara, manchando-se de um vermelho que o ar secava e tornava castanho. Reconheci-o finalmente, era Mata-Mata, que conquistara o nome pelo sangue derramado, o seu e o de muitos outros, pelas cicatrizes que lhe desenhavam mapas pelo couro cabeludo e que ele exibia sempre com grande orgulho, de cabeça rapada, na tradição das medalhas de sobrevivência.

A menina ajoelhou-se junto à esteira, cheirou o ar, levou as mãos aos olhos e começou a falar na língua das velhas mulheres de fé.

— Ele precisa de ajuda — insisti.

— Deixa-te dessas merdas de bruxaria agora... se este cabrão se apaga de vez, não quero saber! Foi tudo ideia tua! — acusou-a Mata-Mata.

— Não é hoje que ele morre — repetiu Cuca para os rapazes, para os espíritos.

— Pró caralho cum vocês! — e saiu porta fora.

No embalar das rezas e da chuva, esperámos que a respiração forçada do pequeno corpo deitado na esteira se tornasse num som mais humano. Contudo, as dores encolheram-no para uma posição

fetal, uma cria maltratada que desejava voltar à segurança. Quem seria ele? Sem dúvida um menino doce, pois são esses os únicos que passam despercebidos nos Canaviais.

— Desculpa, Tio Velho, não havia mais nenhum lugar para o levarmos.

— Fizeste bem, mas o que vamos nós fazer com ele? — olhei a porta por onde a pouca ajuda acabara de nos abandonar.

— Não te preocupes, o Mata vai avisar a Sucata e ela vai vir aqui e... ela sabe sempre o que fazer.

Anuí, ainda que com muitas dúvidas. Aproximei-me da esteira, talvez para sentir o fôlego do pequeno ou a temperatura da sua pele manchada de sangue, mas eu não tocava em ninguém há tanto tempo que me esquecera de como se fazia.

— Vais ficar bom — sussurrei-lhe em conforto, para ele, para mim.

A minha querida Cuca nunca precisava do meu conforto, nem do de ninguém, era menina criada pelas convicções da magia e do oculto, cheia de certezas que lhe davam aquelas vozes do além que ela dizia ouvir, dos poderes místicos que acreditava ter.

A comprovar isso mesmo, Cuca riu. Primeiro, um sorriso subtil, doce, de uma menina adorável de 7 anos. Depois, deixou-o crescer, subir do fundo da barriga até a uma gargalhada que lhe expôs os dentinhos pontiagudos, lhe balançou os ombros e assustou os ratos de volta às sombras.

Quem conseguia compreendê-la? Ninguém. A culpa era da minha irmã Crisália, a minha velha irmã vidente, que vira na sua primeira bisneta a sucessora tão aguardada, e a escolhera para perpetuar a sua magia. Uma criança que nascera albina, tão diferente, cuja existência assustara estas terras esquecidas. Da estranheza da menina, a minha destemida irmã inventara mais uma história: que *tudo tinha uma razão de ser*, que a lividez, os olhos metálicos, os dentinhos de peixe, o medo com que o mundo a olhava eram um dom. As crianças são quem mais ama uma história impossível. Então,

no dia da sua morte, nos últimos minutos de vida, Crisália segredara à sua bisneta que morria por vontade própria, porque finalmente lhe podia entregar toda a magia do mundo. A criança guardou a história no coração, renunciou ao seu nome e aceitou aquele pelo qual todos a tratavam em surdina.

— Cuca! — fez-se anunciar Sucata, ao chegar com a força da tempestade lá fora.

Ela levantou-se e afastou-se do pequeno rapaz prostrado na esteira.

— Ele vai ficar bem! Ainda tem muitos dias.

Mata-Mata estava de volta, mais molhado do que nunca, sacudindo-se como um cão, à beira da porta.

Em dois passos largos, Sucata, involuntária cabecilha do Bando dos Canaviais sempre que era arrastada para tal, ajoelhou-se junto à esteira e começou a fazer um inventário aos ferimentos do pequeno rapaz.

— Alguém traga água e um pano limpo.

Cuca e Mata-Mata ficaram a olhar um para o outro. Aquele não era o tipo de tarefa de nenhum deles.

— Agora!

— Devíamos chamar o Dr. Óscar — sugeri, enquanto Sucata recebia o pano das mãos de Cuca e a água de Mata-Mata.

— Sim, ele vai ter de ser cosido — murmurou Sucata, confirmando as suas suspeitas iniciais sobre o golpe na cabeça. — Badé! — chamou, à espera de que o rapaz lhe respondesse com um sinal de vida. — Badé, estás a ouvir-me?

O pequeno murmurou coisas sem ideias e moveu-se para tentar levantar-se.

— Espera, ainda não te mexas.

— Vamos chamar o Dr. Óscar — disse Cuca.

— Tu, fica quieta! — Sucata levantou-se e voltou costas à esteira para a poder acusar olhos nos olhos. — Não te tinha avisado para ficares longe das ruínas do forte? — Voltou-se de seguida para Mata-Mata. — E tu...? Desde quando andas a fazer de ama-seca?

— Ela pagou-me. E eu faço o que quiser, ai a merda, ah!

— Então devias desenhencilhar-te sozinho! — apontou a esteira e o rapaz. — Para que me foste bater à porta a esta hora da noite?

— Ai... ai... vou mas é pôr-me no caralho mais velho que não tou pa t'ouvir.

— Eu avisei-vos que, depois da última vez que lá estivemos, eles puseram um vigia a guardar o estaleiro. Não é seguro voltar... o Zé proibiu-vos a todos de lá pôr pé!

— Mas tinha de ser hoje — justificou Cuca. — O fantasma do forte disse que o tesouro dele ainda lá está e que as chuvas estão a chegar e que temos de o encontrar antes da grande tempestade...

— Chega! — Sucata cortou-lhe o entusiasmo e o discurso repetido.

— Qual fantasma? Qual tesouro? — perguntei.

Sucata continuou com a fúria posta em Cuca.

— Para com essa treta de fantasma e de tesouro! O Badé podia ter morrido! — olhou por cima do ombro e baixou ligeiramente a voz. — Nem sabemos como vai ficar depois disto. A família dele vai matar-vos. A Estrela vai matar-vos aos dois quando souber o que fizeram ao irmão. — Voltou-se para Mata-Mata. — E o teu primo... quando o Zé Mau souber, estás por tua conta.

— Eles vão entender — persistiu Cuca, ávida. — O tesouro...

— NÃO. EXISTE. TESOURO. NENHUM! — O rosto de Sucata, que apaixonara os rapazes do bairro, desfigurou-se de impaciência.

Cuca sorriu e a sua mão elevou-se para que ficasse bem à vista o que segurava entre os dedos.

O brilho dourado da moeda reluziu nos olhos de todos.

— Caralhos ma fodam! — suspirou Mata-Mata, com um sorriso a que as suas cicatrizes não estavam habituadas a moldar-se. — Não acredito em bruxas, mas que as há, há!

— De onde veio? — perguntei tão maravilhado quanto as crianças.

— Onde encontraste isso? — perguntou Sucata, tomando a libra de ouro nas mãos e rodando-a nos dedos escurecidos por óleo de motores, ainda para acreditar que era real.

— Sim, donde encontraste? — murmurou o pequeno Badé que, da esteira, arregalava o único olho que conseguia manter aberto naquele momento. — Num vi-te.

— Não viste tu, nem vi eu! — reclamou Mata-Mata, sobancelha de volta a carregar-lhe o semblante. — Estávamos nós a levar pau do vigia e ela a açambarcar ouro.

— No pátio central — revelou Cuca, olhos e dentinhos sorridentes. — O fantasma disse que o tesouro estava na sombra da árvore e nós andámos a cavar as árvores em volta do forte, mas hoje vimos que há uma árvore dentro do forte, no pátio... e escavámos lá... só que o vigia apareceu e apanhou-nos.

— Cabrão, filho duma puta! — rosnou Mata-Mata.

— Mostrar-me! Mostrar-me! — pediu Badé, estendendo a mão trémula de frio e dores, e deixando-me preocupado com a distorção na fala de palavras imperfeitas.

Sucata parecia mais preocupada com a conversa dos outros dois.

— O que fizeste ao homem?

Mata-Mata fez-se desentendido.

— Qual homem?

— O vigia.

— Então... qu' é que querias? O gaijo estava a zancar no Badé a olhos fechados... e eu, zás! — lançou Mata-Mata o golpe imaginário e cruzando os braços de seguida, regalado com o trabalho bem feito.

— O que fizeste ao homem? — repetiu Sucata.

— Fodi-o bem fodido! Comigo é assim: mato o bicho e mostro o pau!

Depois de um fôlego ainda mais profundo, Sucata rendeu-se ao inevitável e tomou novamente as rédeas do Bando. Ela tinha 16 anos e nos últimos dois tentava afastar-se dos miúdos mais novos, de todas as crianças do Bairro dos Canaviais que, no momento em que começavam a caminhar pelo próprio pé, seguiam os passos dos mais velhos e se lançavam de coração nas aventuras do Bando,

as crianças e adolescentes dos Canaviais que viam Sucata como a cabecilha que ela nunca quis ser, o que acontecia em ocasiões como aquela, quando Zé Mau, o verdadeiro chefe do Bando dos Canaviais, lhes punha a todos rédea curta, impedindo-os de serem a única coisa que queriam ser: livres.

— Mata, vai chamar a Estrela, ajuda-a a levar o Badé para casa e a inventar uma história que convença a mãe deles de que isto não é tão grave quanto parece. Eu vou à vila chamar o Dr. Óscar. Cuca — tirou a moeda a Badé e devolveu-lha —, esconde-a onde ninguém a possa encontrar.

— Outra vez? — protestou Badé, desiludido por ver desaparecer o prémio pela sova heroica que levava.

— Depois, vamos todos dormir e amanhã voltamos ao forte... e à vila, para tentar descobrir o que foi feito do vigia.

— Bem te disse que ela sabe sempre o que devemos fazer — sus-surrou-me Cuca, de olhinhos sorridentes, os dedinhos sonhadores a esfregarem a moeda, deixando-a cada vez mais e mais brilhante.

CAPÍTULO 2

Velhos e adultos, sabemos que não devemos intrometer-nos nos assuntos do Bando. Há muito que eles tomaram de assalto este cantinho do mundo, com ânsia por tudo aquilo que possa vir a ser deles. Vou mantendo-me na berma da existência destemida destas criaturas indomáveis, por vezes encantado com o que a juventude sempre nos encanta, por vezes enojado com o que a ignorância faz dela.

Mas Jorge Mondego tinha por hábito teimar em fazer as coisas à sua maneira. O presidente da junta da freguesia chegou ao bairro logo pela manhã, de semblante a condizer com as nuvens, que pesavam o céu e borrifavam o ar com chuva de nevoeiro. Regressar ao bairro deixava-o de mau humor, porque embora os Canaviais fossem a sua casa — apesar de ele ter conseguido sair dali há vários anos —, aquelas pessoas e aqueles putos só davam problemas.

Avançou, chapinhando pelo caminho enlameado, serpenteando para evitar as poças de água mais fundas. Aquele era um mau dia para estar ali, dia de chuva, quando estava garantido que alguém lhe cobraria o arranjo daquela rua que atravessava o bairro de ponta a ponta, ou o saneamento, ou a água, ou a eletricidade, ou o licenciamento das casas que continuavam todas ilegais tal como os antepassados as tinham construído. Prometer ao pobre era pior do que dever ao rico.

Como poderia ele fazer alguma coisa? Olhava-as à passagem, uma a uma, casas pequenas e frágeis que pareciam manter-se em pé apenas porque conseguiam aliviar o seu peso na parede vizinha. Aprendendo com os seus habitantes, as casas do bairro resistiam, sobreviviam e ninguém percebia bem como.

Ao alerta dos cães, uma dúzia de olhares curiosos espreitaram pelas pequenas janelas de vidros amarelados, mas já não havia quem se desse ao incómodo de um cumprimento. Mondego acabara por ser mais uma desilusão, apenas outra partida de mau gosto da esperança.

Há cinco anos, quando para grande espanto geral ele ganhara a corrida eleitoral e a presidência da junta da freguesia, fora recebido ali como o próprio Jesus Cristo o teria sido caso, finalmente, cumprisse a promessa de voltar à Terra, festejado naquele mesmo caminho que agora deveria estar asfaltado; mas a Jorge Mondego faltava-lhe o coração generoso, a capacidade para fazer milagres e tantas outras virtudes de santos ou de simples homens bons.

Parou frente a uma porta lascada, que fora de vários verdes e escamava de todos eles.

— Zé Manel! — chamou, entre duas batidas fortes, pelo adolescente que se tornara o seu homem de confiança, os olhos que lhe traziam o que os dele não alcançavam nos dois quilómetros que separavam a vila do bairro.

Uma troca de gritos abafados no interior e o rapaz moreno de rosto e cabelos longos abriu a porta.

— Sabes alguma coisa do que se passou ontem à noite?

Na expressão ensonada e pouco interessada, Mondego teve a sua resposta.

— Pedi-te para segures os putos!

— E eu proibi-os de voltar lá! — devolveu Zé Mau com a mesma impaciência. — O que raio aconteceu?

— Pergunta ao teu primo, aposto que ele sabe.

— MATA! — chamou para o interior da casa.

— Já se pôs no caralho! — veio a resposta do interior, com um vulto saltitante que se aproximou lentamente. Um homem de meia-idade, meio careca, com braços pela metade e perna e meia, movia-se apoiado numa muleta. — Porquê? Em q'andou ele metido?

Jorge Mondego cruzou olhares com os dois e voltou costas sem responder.

Ao final do caminho, no limite mais a norte do bairro, nascia uma colina de carros abandonados, o cemitério de ferrugem onde Sérgio Sucateiro tinha a oficina, ilegal e a recusar-se morrer, como tudo naquele bairro. O Sucateiro, homem ciente de si e dos outros, dos valores importantes que devem reger todos, avistara-o ao longe e já o esperava, punhos cerrados assentes nas ancas, o pastor-alemão em alerta.

— A sua filha? — perguntou Mondego, ainda com meia dúzia de passos a faltarem até chegar junto do homem de bigode cheio e cabelos desgrenhados.

— Deve andar na vida dela.

— É sobre a vida dela que temos de falar.

O cão rosnou, desagradado com o tom de voz. Sérgio Sucateiro sorriu com os olhos.

— Pois, dos assuntos que te pertencem não vens tu aqui falar.

— Quero saber o que se passou ontem à noite — avançou Mondego, sem tempo para cidadãos pedinchas a reclamarem promessas não cumpridas.

Recebeu um encolher de ombros desinteressado do Sucateiro, que não descansou o cão que rosnava baixinho.

— Vamos deixar-nos de merdas. Foram os putos que andaram a roubar o material de construção do estaleiro das obras no forte. A construtora não sabe, mas nós sabemos disso.

O Sucateiro respondeu-lhe com mais um encolher de ombros.

— Talvez se cumprisses aquilo que prometestes em troca de votos e fizesses alguma coisa de jeito por aqui, ninguém precisasse de roubar nada a ninguém. — E pôs-se a limpar as mãos num farapo de desperdício ao estilo de Pôncio Pilatos. O cão avançou dois passos, mostrou os dentes, Mondego ignorou-o.

— Eles puseram um homem de vigia e ontem à noite alguém arrumou com ele para o hospital. A coisa foi grave e envolve seguradoras e... vai meter a polícia também ao barulho. Eu vim aqui para perceber o que aconteceu e tentar que esta merda nos cague o menos possível, a todos.

— A única merda aqui é o trabalho que estás a fazer — devolveu o Sucateiro, mãos e sorriso limpos de paciência. — Nós confiamos em ti e tu chegastes ao poleiro e ainda fizestes pior do que os outros todos. Cuspistes nas mãos que te alimentaram! Porque nós, nós todos aqui, demos-te de comer, a ti e ao criminoso do teu irmão, quando vocês ficaram sem pais, sem teto, sozinhos nesta mesma rua — apontou o caminho enlameado. — Agora, em vez de te fazeres um homem, retribuíres e cuidares de nós, preocupas-te com aquele mamarracho daquele forte, em fazer um hotel para os ricos, em seres apajado pelo povo da vila.

O cão começou a ladrar, Mondego afastou-se.

— Não estou para te aturar! — cuspiu e voltou costas repetindo o caminho feito.

— Ainda não percebestes que não és um deles? — lembrou-o Sérgio Sucateiro. — E nunca vais ser, fazas tu o que fizeres para isso!

A voz ficou para trás, a raiva continuou com Mondego. Ele era surdo ao que não servia o seu propósito no momento, e o propósito era concluir as obras de reconversão do velho forte de Santa Luzia, em ruínas há décadas, de preferência antes do fim do seu mandato, dali a alguns meses. Aquela fora a bandeira da sua campanha: tornar Mont-o-Ver num destino turístico, num refúgio paradisíaco de natureza e lazer assinalado no mapa, porque eles já estavam no lugar perfeito, entre a praia e a montanha, mesmo ao lado da nova autoestrada. Só a chegada de dinheiro de fora os poderia tirar da pobreza crónica a que todos estavam resignados. Como é que só ele percebia isso?

— Dr. Óscar! — Mondego levantou a mão bem alto, com intuito de parar o homem a pretexto de um cumprimento.

A chuva intensificou-se, toldando a visão dos dois, e o farmacêutico abriu o grande guarda-chuva preto.

— Bom dia, meu caro Jorge — devolveu o bom homem, sem alterar passo nem caminho.

A resposta fugidia do prestável e falador Dr. Óscar reforçou as suspeitas iniciais de Mondego.

— Alguém a precisar de cuidados? Talvez inesperadamente? — especulou com curiosidade nada casual e já aberta à partilha de uma confiança.

O farmacêutico voltou-se.

— Não, não. Graças a Deus. — A distância que os separava fazia-o sentir-se confiante em ser bem-sucedido na sua pequena mentira para proteger os putos. — Vim apenas visitar a horta da Dália, em busca de umas plantinhas para os meus óleos aromáticos — sorriu.

Jorge Mondego quis acreditar, mas os seus ossos não lho permitiam. Voltou a levantar a mão no ar, agora numa despedida rendida, libertando o farmacêutico nervoso, que logo retomou caminho, mais apressado do que o necessário.

A sós, sob a chuva miúda que lhe escurecia o cabelo e a barba grisalha, e afundava as botas novas na lama, Jorge Mondego percebeu que chegara ao bairro tarde demais e o Bando já avançara para novas manobras. Um sorriso tocou-lhe os olhos, quase lhe puxou o canto da boca.

Anos antes, ele liderara os rufias do Bairro dos Canaviais, ainda mais pobres e miseráveis do que estes eram hoje, e não conseguia deixar de ver nas trapaças e pequenos crimes do grupo, até com um certo orgulho, o resultado do seu próprio trabalho. Afinal, fora ele quem começara por impor uma hierarquia, uma disciplina, respeito a um cabecilha, códigos que continuavam a ser seguidos e os tornavam na grande dor de cabeça que eram para toda a gente. Para si, o Bando dos Canaviais não seria o problema que era, se Zé Mau e Bruna Sucata se entendessem, ou, pelo menos, um dos dois fosse o cabecilha que deveria ser.

CAPÍTULO 3

Só aqueles de maior confiança foram incluídos na expedição de regresso ao forte. Cuca era o timoneiro, a ponta branca de uma flecha humana que se formava nas suas costas e incluía Sucata, Mata-Mata, Estrela, os irmãos Marcolinos, atrelados entre si como três cães hiperativos, e Tico, o único membro do Bando que não pertencia aos Canaviais, mas sempre fechava o grupo. Ele era a arma secreta para ocasiões especiais, como aquela, e apesar de ser amigo leal de Zé Mau, Sucata sabia que era imprescindível a ajuda de Tico para conseguirem a informação de que precisavam; quando regresassem ao bairro, mais tarde, o putto já teria servido o seu propósito e poderia chibar-se à vontade a Zé Mau, sem precisar de pôr em causa qualquer lealdade.

Ao estilo de emboscada, o grupo de crianças e adolescentes manteve-se numa formação digna de veteranos no avanço pela única colina num raio de vários quilómetros, que os levava por entre ervas altas em direção ao antigo forte de Santa Luzia.

Os planos grandiosos do presidente da junta nada diziam ao Bando que agora caçava ali o tesouro escondido do fantasma de um homem morto. O grupo avançava, todos eles de rosto molhado pela chuva miúda, sacos de plástico abertos sobre os ombros, galochas que eram pequenas ou grandes de mais para os seus pés gelados.

— Lá estão eles — apontou Cuca.

Como pintos ensopados, aconchegaram-se na proteção dos ramos folhados de uma árvore em desequilíbrio.

— Deves ter feito um lindo trabalho para até a polícia ter sido chamada — lançou Sucata por cima do ombro, mas Mata-Mata deixou as palavras caírem em saco roto.

Ficaram a observar o grupo de homens que se cruzavam num entra-e-sai do forte. Era possível distinguir os dois uniformes da polícia, as três fardas iguais àquela que o vigia usara na noite anterior e os restantes pareciam ser os empregados da empresa de construção.

— Tico, dá corda aos vitorinos, puto. Vê se consegues descobrir o que se passa.

— E se desconfiarem? — questionou Estrela, olhos verdes luminosos a saltitar entre Sucata e os homens ao longe. — Talvez demorem ainda mais a ir embora.

— O fantasma avisou que vinham aí as grandes chuvas — murmurou Cuca.

— Abril, águas mil — cuspiu Mata-Mata. — Essa até eu sei. *Num* é preciso falar com fantasmas para saber que este mês temos chuva.

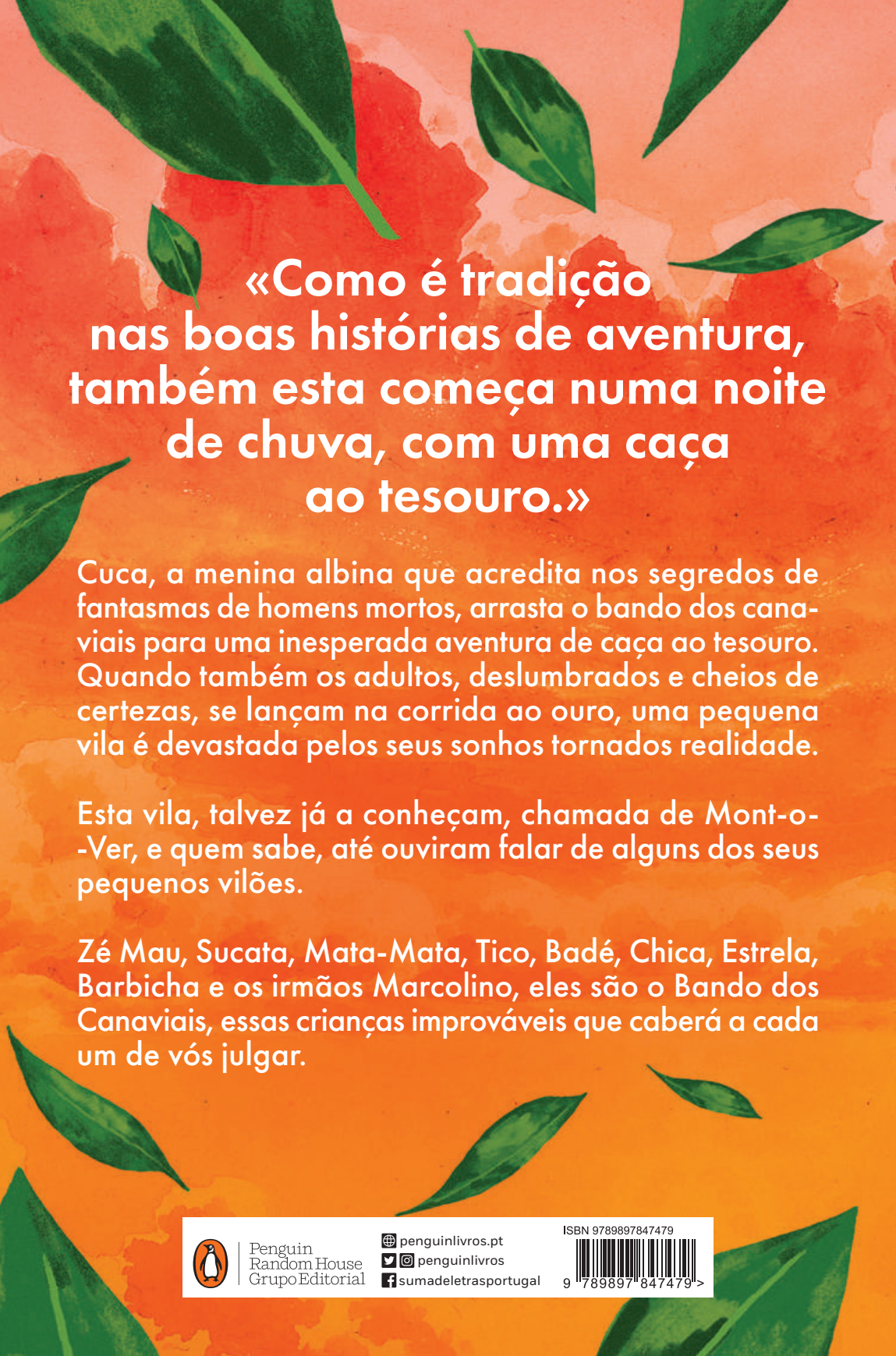
— Nós não podemos continuar aqui por muito mais tempo — Sucata levantou o olhar para a folhagem que os salpicava com pingos pesados. Os outros copiaram-na. Os irmãos Marcolinos, de boca aberta, a tentar apanhar as maiores gotas, acotovelando-se na competição entre si e já esquecidos do que os levava ali.

Bastou um aceno de Sucata, e Tico não precisou de mais para se pôr em marcha, na missão do que precisava de ser feito e só ele podia fazer.

Os restantes esperaram.

Continuava a chover, cada vez com mais intensidade. Sucata não sentia a ponta dos dedos e nem conseguia pedir aos miúdos para pararem quietos porque não sabia se era agitação ou se tremiam. Estrela, que nem ali conseguia deixar de ser bela, mantinha a serenidade do seu papel, dividindo com Sucata a responsabilidade do momento, como lhe pedira nessa manhã, mais segura e sólida do que a árvore que os abrigava a todos. Estrela não vira a moeda de ouro, apenas o que restara do seu irmão depois da coça que levava, mas a palavra de Sucata bastara-lhe e a existência de um tesouro que punha todos naquele alvoroço era suficiente para tolerar um imprevisto. Como sempre, ela estaria à altura do que era esperado

de si. Cruzou os dedos fazendo uma figa que segurasse o desejo sob o saco de plástico, mantendo-o secreto e a salvo da chuva. Todos ansiavam por algo inacreditável.



**«Como é tradição
nas boas histórias de aventura,
também esta começa numa noite
de chuva, com uma caça
ao tesouro.»**

Cuca, a menina albina que acredita nos segredos de fantasmas de homens mortos, arrasta o bando dos canaviais para uma inesperada aventura de caça ao tesouro. Quando também os adultos, deslumbrados e cheios de certezas, se lançam na corrida ao ouro, uma pequena vila é devastada pelos seus sonhos tornados realidade.

Esta vila, talvez já a conheçam, chamada de Mont-o-Ver, e quem sabe, até ouvirem falar de alguns dos seus pequenos vilões.

Zé Mau, Sucata, Mata-Mata, Tico, Badé, Chica, Estrela, Barbicha e os irmãos Marcolino, eles são o Bando dos Canaviais, essas crianças improváveis que caberá a cada um de vós julgar.



Penguin
Random House
Grupo Editorial



penguinlivros.pt



[penguinlivros](https://twitter.com/penguinlivros)



[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)



[sumadeletrasportugal](https://www.facebook.com/sumadeletrasportugal)

ISBN 9789897847479



g 789897 847479 >